

Gabryela Martins Ghirotti¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Nicolly Cassimira dos Santos²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Wenya e Silva Oliveira²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Rodrigo Ribeiro de Oliveira³

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

¹ Estudante do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo e do GEPTUR - Grupo de Estudos e Pesquisas em Turismo – CNPq/IFSP

² Estudante do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

³ Docente no Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Pesquisador: do Grupo de Estudos e Pesquisas em Turismo – CNPq/IFSP, do Grupo de Pesquisa do Projeto Sustentare – CNPq/IFSP, e do Grupo de Pesquisa em Humanidades e Sociedade Contemporânea do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso – CNPq/IFMT

Os desafios enfrentados por mulheres brasileiras que viajam sozinhas

Resumo

Este estudo tem o intuito de identificar os desafios enfrentados por mulheres brasileiras, que viajam sozinhas. Faz reflexão sobre o processo de busca pela independência feminina e em torno do machismo estrutural presente, tanto no cotidiano das mulheres, quanto no âmbito de exercício da atividade turística. Os movimentos feministas tiveram importância nessa jornada e representam as suas conquistas de forma expressiva. Neste contexto, a identidade feminina é cada vez menos influenciada pelos papéis familiares tradicionais. Para obter resultados na pesquisa se optou pela realização de grupo focal, por meio de uma reunião com cinco participantes voluntárias, as quais têm experiências em viagens sozinhas. Os relatos foram base para a análise que busca pontuar, expor, esclarecer e ressaltar os desafios, as realizações e as perspectivas relacionadas ao tema central. Os resultados indicam a busca por autoconhecimento, motivada pelo desejo de sensação de liberdade e de oposição a os paradigmas sociais, inclusive, no contexto familiar.

Palavras-chave

Experiência turística, Viagens independentes, Mulheres, Igualdade de gênero, Identidade

Introdução

Até o período antecedente às revoluções feministas, por volta do início do século XX, a relação de submissão da mulher era extremamente presente e tais aspectos machistas permanecem até o momento. Em função de suas lutas, as mulheres foram conquistando - de forma lenta e dificultada - direitos, entre esses o de trabalharem (Reis, 2016).

A matriz dessa concepção atribui o poder ao homem, reforçado inclusive pela religião, que por sua vez legitima atitudes de submissão e de obediência por parte das mulheres. O processo de socialização vai pautando o que é ser menina e o que é ser menino e, desde os primeiros anos de vida são reproduzidos scripts, em que a mulher

nasceu para ser mãe, cuidadora, submissa, obediente. A produção da subjetividade da mulher, desde a mais tenra idade, impõe um status de dependência que não se vê em relação ao homem (Oliveira, Castro & Batista, 2019).

A gradual busca por independência permitiu que as mulheres tomassem suas decisões no que tange, inclusive, as suas próprias vontades como, por exemplo, viajarem (Reis, 2016). No Brasil, a situação não é diferente, porém as condições de violência contra a mulher são fatores a serem pontuados como dificultadores dessa atividade (Fontoura, Rezende & Querino, 2020; IBGE, 2021).

A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele e ela não é considerada um ser autônomo (Beauvoir, 1980). Nesse ínterim, a visão da sociedade sobre a mulher, que viaja sozinha, é de característica aventureira, uma vez que não se encontra nos padrões patriarcais, que são esperados e impostos a ela.

O número de turistas, em viagens internacionais, em 2019, chegou a 1,5 bilhão com crescimento de 4% em relação ao ano anterior, gerando um fluxo de US\$ 1,462 trilhão, representando, assim, 10,4% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial. Um em cada dez empregos no Mundo é gerado pela cadeia produtiva do turismo. Isso representa mais de 300 milhões de pessoas empregadas ao redor do Mundo (UNWTO, 2020).

Logo, as viagens contribuem para a formação de identidade das mulheres enquanto indivíduos que impulsionam sua autonomia e são motivadoras por permiti-las se sentirem livres e empoderadas, visto um passado histórico de repressão (Carvalho, Baptista & Costa, 2015).

Para Michelle Lima, Viajante e investigadora em economia circular no turismo:

Viajar, enriquece a vida e faz-nos conhecer mais, a força que temos e a nossa resiliência. Viajar sozinha é uma experiência única, que proporciona o conhecimento de outras pessoas, lugares onde quer ir, sem precisar perguntar a ninguém. Cada um faz a viagem do seu jeito! Não tenha medo de viajar sozinha porque só tem a ganhar! (Portela, 2020, p. 194).

Não obstante sua importância econômica, muitos viajantes se sentem inseguros de viajarem pelo país e, entre esses se destacam as mulheres, inclusive, as brasileiras. Um estudo realizado, em 2017, pelos jornalistas Asher e Lyric Fergusson, de acordo com a revista estadunidense Forbes (2019), no qual foram avaliados fatores como violência sexual, homicídio internacional e segurança nas ruas para mulheres, se demonstrou que o Brasil se encontra em segunda posição entre os lugares mais perigosos do Mundo para mulheres, ficando atrás apenas da África do Sul (Bloom, 2019).

Atualmente, com a criação dos diversos *blogs* e *vlogs* na internet, as mulheres viajantes têm várias formas de repassarem informações e darem dicas para quem está fazendo a primeira ou a décima viagem solo. Nesse âmbito, escrevem materiais com dicas para ajudar as mulheres em suas viagens, de forma a orientá-las a se precaverem de eventuais situações de violência. Vale destacar a plataforma brasileira Sisterwave, que ganhou o prêmio global da Organização Mundial do Turismo (OMT), em 2021, na categoria igualdade de gênero, pela contribuição ao turismo sustentável e responsável, apoiando os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) (ONU, 2021).

As supostas “dicas” impõem maneiras para as mulheres se comportarem, assim como se protegerem, negando, portanto, as reais raízes do problema: o machismo estrutural, se manifestando nas relações humanas, predominando na dominação do homem sobre a mulher. A contradição entre a liberdade conquistada e a permanência de

uma sociedade patriarcal é explícita, haja vista que mulheres encontram múltiplas limitações, as quais se restringem as dos seus direitos de circularem sozinhas, conforme seus desejos, sobretudo, no território brasileiro.

Metodologia

Em junho de 2021, foi realizado um estudo do tipo grupo focal, de forma virtual, com a participação de cinco mulheres. A temática definida para discussão foi “Os desafios enfrentados por mulheres brasileiras que viajam sozinhas”, a qual permitiu as participantes relatarem suas experiências próprias e contribuírem para obtenção de resultados na pesquisa.

A amostra foi intencional e o critério de escolha definido a partir do requisito de mulheres que têm o hábito de viajarem sozinhas, sobretudo, no Brasil. O convite inicial foi realizado para uma estudante do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo do Instituto Federal de São Paulo, a qual recrutou mais cinco colegas, que tiveram a disponibilidade para participar, totalizando seis mulheres. No momento da atividade, elas tinham entre 40 e 50 anos e possuem formação superior completa, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1

Participantes do grupo focal

Sigla do nome	Idade	Estado civil	Escolaridade
A. F. P. N. C.	56	Casada	Pós-graduação em Gestão Cultural
A. S. P.	43	Solteira	Graduação em Administração e Turismo
G. V.	45	Divorciada	Pós-graduação em Jornalismo
R. A. B.	54	Divorciada	Pós-graduação em Educação Comunitária
R. R.	59	Casada	Graduação em Direito e Comunicação Social

Fonte: os autores, 2021.

Após o aceite, e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foram agendados dias e horários para a realização do grupo focal (Bauer & Gaskell, 2003), o qual foi realizado por reunião na plataforma *Google Meet*, com uma mediadora e roteiro predefinido com tópicos a serem abordados. O encontro teve duração de aproximadamente 110 minutos, gravação e posterior transcrição das falas. Em função dos compromissos pessoais, uma mulher não pode participar do grupo focal, resultando na participação de cinco mulheres. O grupo focal contou com a participação das três pesquisadoras: uma mediadora e duas auxiliares, que deixaram que o debate tomasse forma, sem nenhuma interferência e estando atentas para possíveis desvios, que prejudiquem o foco da pesquisa.

Para interpretar e avaliar as falas foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, a qual é dividida em três partes. A primeira é a pré-análise, fase em que há organização dos materiais; a segunda é a exploração do material – codificação e categorização dos dados; a terceira é o tratamento e interpretação dos dados (Bardin, 1995).

Resultados

Em vista de um cenário histórico, em que o patriarcalismo sempre prevaleceu nas sociedades e nas culturas, as conquistas das mulheres, sobretudo, viajantes se tornaram um marco. Essa independência se mostrou relevante para o mercado turístico, uma vez que elas puderam exercer o seu direito de ir e vir, incentivadas por motivos diversos (Lucchese, 2020; Souza, 2021). Os resultados a seguir foram categorizados segundo o conceito de Bardin (1995).

Motivação

A motivação é, sem dúvida, um dos fatores mais importantes quando se decide por uma viagem, um destino ou se irá realizá-la desacompanhada ou acompanhada

(Souza, 2018). Entre os resultados obtidos, no grupo focal, se constataram, majoritariamente, motivações pela liberdade, autoconhecimento e quebra de paradigmas sociais, conforme relatos das falas abaixo:

[...] quando você se **desprende** da necessidade de estar sempre acompanhada para tocar sua vida **é muito libertador**. [...] mas eu acho que o grande motivador, se eu tivesse que eleger um, seria o **autoconhecimento** (A. F. P. N. C. 56 anos).

[...] a sensação de **liberdade** era muito grande de poder acordar na hora que quer, tomar banho, não esperar ninguém, sair e voltar a hora que quer (R. A. B. 54 anos).

[...] é simplesmente ter o **direito** de ir e vir como qualquer ser humano, sendo homem ou mulher. [...] Eu fui contra esses **padrões sociais** que têm até hoje, infelizmente (G. V. 45 anos).

Os relatos corroboram com a quinta meta dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU): acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em todas as partes até 2023 (UN, 2015).

Conservadorismo

Se mostrou evidente a associação que as mulheres fizeram para suas vivências familiares, no que tange, principalmente, ao conservadorismo e, portanto, para a relutância de seus parentes ao fato de viajarem sozinhas, conforme trechos abaixo:

Primeiro começou como uma questão **rebelde**, por ter um pai **machista** e essa **dependência** feminina da minha mãe nunca ter trabalhado com uma pessoa bancando me fez essa reflexão de **que lugar eu ocupo** (R.A.B. 54 anos).

Então eu fui educada para ser a “**bela, recatada e do lar**”, só que para o **desespero** dos meus pais eu **invertei** esse papel completamente. Eu viajo sozinha desde muito antes de me casar. Hoje sou divorciada, mas a minha primeira experiência foi muito nova (G.V. 45 anos).

Para nós, mulheres, isso é muito desafiador no sentido de que nós somos sempre **estimuladas a andar em grupos** ou a estar com outras amigas, familiares, companheiras ou companheiros. [...] Uma das frases que eu sempre dou muita risada é quando falam “**o seu marido deixa?**” (A.F.P.N.C. 56 anos).

Apoio para viajar

Nesse ínterim, as participantes relataram que não é recorrente receberem apoio de seus familiares, entretanto, eventualmente, recebem de amigas que também viajam sozinhas.

Geralmente escuto “**você é louca?**”, “**você vai sozinha?**”. Mas sempre tem aqueles que falam “**vai sim, aproveita bastante**”. [...] Eu mesma não comento muito tempo antes (da viagem). Quando eu já estou arrumando a mala, estou indo e **só comunico** (A.S.P. 43 anos).

No meu caso “apoio” não é bem a palavra, porque eu nem peço, eu **simplesmente comunico** (R.R. 59 anos).

Sem ser das próprias amigas, que também viajam sozinhas, sem **nenhum outro apoio** (G.V. 45 anos).

As mulheres não tinham direito pleno de ir e vir, direito à propriedade, ao divórcio, ao voto e muitas outras coisas. Até 1962, as mulheres casadas precisavam de autorização do marido para trabalhar e, apenas na década de 1980, essas conseguiram ocupar metade das vagas nas Universidades. Comparado com as mães e avós a atual geração ganhou o

Mundo, sendo mais livres, mas infelizmente essa liberdade é parcial, pois se leva o medo na mochila e a sociedade ainda olha a mulher com estranhamento (WORLDPACKERS, 2020).

Sentimento de medo ou constrangimento

Ao se perguntar se já sofreram algum tipo de constrangimento, de medo ou de assédio ao viajarem sozinhas, local em que ocorreu e o tipo de acontecimento, as entrevistadas relataram que:

[...] em Roma quando eu estava fechando com o **hostel** [...] ele disse que **não recebia pessoas acima de 40 anos**, fiquei muito constrangida com essa informação e questionei o motivo e o motivo era porque as pessoas de 40 anos é como se **não fossem bem-vindas** (R. A. B. 54 anos).

[...] Em Arraial d'Ajuda eu estava na praia bebendo cerveja sozinha e veio o rapaz que estava cantando ao vivo, que estava perguntando para várias pessoas de onde elas eram, e me perguntou, eu respondi que era de São Paulo e ele falou: **“cadê o maridão? Foi dar um mergulho?”** Eu precisava estar com um marido? Então, eu acho que tem muito esse lado, não de mulheres se sentirem inseguras, mas dos **homens acharem que somos frágeis e que estamos disponíveis por estarmos viajando sozinhas** (A. S. P. 43 anos).

E esse machismo não é só na viagem. Eu costumo sair sozinha em São Paulo também e o machismo está **no bar da esquina da minha casa ou no bar de Arraial d'Ajuda, tanto faz!** [...] (G.V. 45 anos).

[...] A gente ia jantar e eu **voltei sozinha para o chalé** para pegar alguma coisa e quando estava voltando para o restaurante, o cara **segurou no meu braço** e falou **“vem com a gente”**. Eu tentando tirar o braço, falei: **“não, o que você está falando? Me solta!”**,

ele falou: “**Não, vamos, vem com a gente beber alguma coisa**” [...] (A. F. P. N. C. 56 anos).

O processo de identidade social é construído com distintas atribuições de papéis que a sociedade estabelece e espera ver cumpridos, pelas diferentes categorias do sexo. Beauvoir (1980) afirma que ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Aí se encontra a força e a fragilidade dos processos de retroalimentação das relações assimétricas de poder. A síntese da produção de uma subjetividade, que ao longo dos séculos naturalizou os papéis de homem e de mulher, pode ser subvertida ao estabelecer a tradição de gênero, enquanto uma construção social, que vai além das características genotípicas.

Recomendações para viajantes

Ao abordar quais recomendações as participantes dariam para as mulheres, que viajam sozinhas, não deram ênfase para restrições no que envolve ser mulher, e sim, dicas enquanto viajantes, encorajando-as a viajarem sozinhas.

Levar pouca bagagem [...] se você vai viajar para fora, pelo menos falar uma língua a mais, porque em muitos países eles não vão falar inglês, nem nada. [...] um **mapa offline**, aqueles que você baixa e não precisa de internet, te tira de muitos “perrengues” (R. R. 59 anos).

Se você sabe que determinado lugar é **perigoso** e que é um **risco**, então você pode **evitar** e **se precaver** (A. S. P. 43 anos).

Que viajem sozinhas e que continuem viajando sozinha. Não tenham medo e tenham cautela. [...] Eu vou acrescentar aqui a palavra “**empatia**”. É muito importante você ter empatia e socializar com as pessoas que você vai encontrando, porque isso traz amizade e você se envolve bem com essas pessoas (R. A. B. 54 anos).

Para 62% das mulheres que participaram da pesquisa “o que pensam viajantes de Brasil, Argentina, Colômbia e México quando o assunto é turismo solo¹”, afirmam que já fizeram pelo menos uma viagem em sua própria companhia para outro país. Além disso, 97% delas se dizem dispostas a se aventurarem em suas experiências (BOOKING.COM, 2019).

Conclusão

A partir dos resultados obtidos pelo grupo focal, apesar de não representar as mulheres como um todo, em função da quantidade de participantes, que foram convidadas e tiveram disponibilidade para contribuir com a pesquisa, foi possível identificar os pontos de vista com base em suas vivências pessoais.

Mostrou-se notório o quão importante as viagens sozinhas representam, principalmente, como forma de expressar liberdade e oposição aos modelos instaurados na sociedade, que persistem, inclusive, hodiernamente, sendo reflexos históricos de uma superioridade do homem sobre a mulher, os quais foram paulatinamente sendo revertidos. Isso é destacado no comentário abaixo:

A meu ver, muito do **machismo** predomina, porque quando um homem vê uma mulher viajando sozinha acha que é uma “coisa de outro mundo” e isso eu falo por uma experiência recente (A. S. P. 43 anos).

Com base nas perspectivas relatadas, mesmo não recebendo apoio de familiares e pessoas próximas, elas não deixam de priorizar suas aspirações e enfrentam os desafios de viajarem sozinhas, seguindo suas motivações, destacando-se autoconhecimento e independência.

¹ <https://news.booking.com/pt-br/estudo-revela-o-que-as-mulheres-buscam-quando-viajam-sozinhas/>

Dessarte, o enquadramento de mulheres aos estereótipos, há que se debater e contestar, uma vez que todos os gêneros têm o direito de exercerem, não só o ir e vir, como também de serem e fazerem o que anseiam. Ser mulher e turista independente surpreende a sociedade perante o machismo estrutural, sendo esse a raiz do problema.

Referências

- Bardin, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70,
- Bauer, M. W. & Gaskell, G. (2003). *Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual*.
- Beauvoir, S. (1980). *O segundo sexo: a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bloom, L. B. (2019). *20 lugares mais perigosos para mulheres viajantes*. Forbes.
- BOOKING.COM. (2019). *O que pensam viajantes de Brasil, Argentina, Colômbia e México quando o assunto é turismo solo*.
- Carvalho, G., Baptista, M. M., & Costa, C. (2015). Mulheres que viajam sozinhas: Reflexões sobre gênero e experiências turísticas. *Revista Turismo & Desenvolvimento*.(23), 59-67.
- Fontoura, N., Rezende, M., & Querino, A. C. (2020). *Beijing +20: avanços e desafios no Brasil contemporâneo*. Brasília: Ipea.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2021). *Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil*. 2. ed.
- Lucchese, A. C. (2020). *ARTEMÍDIA “POR QUE VIAJO SOZINHA?”: O Documentarte Expandido como Processos e Procedimentos Artísticos da Estética Relacional*. Orientador Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira. 2020. 461f. Dissertação.

(Mestrado em Arte) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes.

Oliveira, R. R., Castro, D. S. P., & Batista, S. S. (2019). Reflections on Schooling and Work in the Life of Brazilian Girls and Women from the Short Life Maria. *Research, Society and Development*, [S. 1.], 8(1), e1481543, DOI: 10.33448/rsd-v8i1.543.

ONU - NAÇÕES UNIDAS BRASIL. (2021). *Brasileira ganha prêmio global com plataforma para apoiar mulheres que viajam sozinhas*.

Portela, L. Mulheres e Turismo, a minha Voz! 12 mulheres, 12 histórias de sucesso. (2020). *THIJ –Tourism and Hospitality International Journal*. 15(1). pp 180-196.

Reis, A. M. (2016). *Mulheres e viagens: insegurança e medo?* Orientadora Dra. Fábila Trentin. 2016. 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Turismo) - Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Turismo e Hotelaria.

SOUZA, C. O. (2021). *Mulheres viajantes a sororidade no turismo impulsionada pelas redes sociais*. Orientadora: Dra. Vanda Aparecida da Silva. 2021. 74f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Turismo) - Universidade Federal de São Carlos, Centro de Ciências Humanas e Biológicas, Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades.

Souza, T. C. (2018). *Mulheres que viajam sozinhas: fatores restritivos*. Cadernos Discentes UFF. 3, 80.

UN – UNITED NATIONS. (2015). *The Sustainable Development Goals*.

UNWTO - World Tourism Organization. (2020). *World Tourism Barometer*. 18, Issue 1, January.

WORLDPACKERS. (2020). *Feminismo: é necessário para viajar sozinha?*